

Materials Complementares

Additional
Materials

- A história do cinema segundo Ulrike Ottinger /
Film history according to Ulrike Ottinger
- A palavra de Cecilia Mangini /
The word of Cecilia Mangini
- Imagens: em movimento para construir novos imaginários /
Images: moving to build new imaginaries
- Verão Coincidente



Ulrike Ottinger

A história do cinema segundo Ulrike Ottinger

Boris Nelepo

Em Paris, Ulrike Ottinger frequentou palestras de Claude Lévi-Strauss, Louis Althusser e Pierre Bourdieu. Os seus documentários revisitam amiúde os escritos de Walter Benjamin e tem como pontos de referência óbvios na literatura Virginia Woolf e Oscar Wilde. Fez duas encenações de Elfriede Jelinek, que também aparece em *Prater* (2007). Ottinger viajou pelo globo inteiro e os seus filmes estendem-se à Mongólia, Ucrânia, Coreia do Sul, Japão, Alemanha, Áustria, Alasca e Kamchatka. Assim sendo, como cartografar as suas viagens cinematográficas?

Por razões geográficas e cronológicas, a obra de Ottinger é por vezes enfiada na chaveta do Novo Cinema Alemão – particularmente *Bildnis einer Trinkerin* (1979), elogiado por Fassbinder e feito com a ajuda de alguns dos habituais deste, como o compositor Peer Raben (com quem ela trabalhou duas vezes) e os actores Kurt Raab e Volker Spengler. Ottinger pediu inclusivamente a Fassbinder para desempenhar um papel em *Freak Orlando* (1981), mas essa colaboração nunca foi para diante. Outros cineastas, no entanto, tornaram-se seus esteios, pelo que, agora, a lista dos seus colaboradores assemelha-se a um guia de uma história paralela do cinema dos anos 1970 e 1980: mais obscura, mas mais inclusiva.

Ao regressar a Paris de Constança, Ottinger fundou um cineclubes que exibia filmes de Werner Schroeter com frequência. Esse rebelde solitário parece ser a alma gémea de Ottinger no que diz respeito tanto à intuição artística como à escolha do elenco (a sua actriz preferida, Magdalena Montezuma, também era uma das recorrentes de Ottinger). Outra antiga aluna de Schroeter é Rosa von Praunheim, pioneira do cinema *queer* e marinheiro delicioso em *Die Betörung der blauen Matrosen* (1975). Aí, contracena com Frank Ripplloh (também conhecido como Peggy von Schnottgenberg), que interpreta a deusa-fada grega e veio a realizar o semi-autobiográfico *Taxi zum Klo* (1981). Esse icónico filme homossexual, em que o próprio realizador faz de professor que atravessa as zonas mais manhosas de Berlim antes da SIDA, é um complemento curioso à trilogia de Berlim de Ottinger; não é ao acaso que Magdalena Montezuma e Tabea Blumenschein, outra das parceiras de Ottinger, têm participações especiais no filme.

Yvonne Rainer, que transitou da coreografia para o cinema e já dirigira três obras-primas idiossincráticas de seguida – *Lives of Performers* (1972), *Film About a Woman Who...* (1974) e *Kristina Talking Pictures* (1976) – faz de Josephine de Collage na primeira longa-metragem de Ottinger, *Madame X* (1977). É o seu único papel num filme não realizado por si e ainda uns anos antes do seu próprio filme sobre “Berlim”, *Journeys from Berlin/1971* (1980), um ensaio meditativo sobre a Facção do Exército Vermelho e o anarquismo russo do século XIX, entre outras coisas.

Em *Freak Orlando*, vemos duas cineastas de referência, a realizadora alemã Ula Stöckl e o mais bem guardado segredo do cinema francês, Jackie Raynal. Ambas realizaram a sua primeira longa-metragem no tempestuoso ano de 1968. *Neun Leben hat die Katze*, (1968) de Stöckl, é agora visto como o primeiro filme feminista da Alemanha Ocidental enquanto Raynal pertencia ao grupo Zanzibar, constituído em torno da padroeira das artes Sylvina Boissonnas e do jovem realizador Philippe Garrel, e realizou o marco do cinema experimental *Deux fois* (1968). Raynal costumava montar os filmes de Eric Rohmer, mas após o escândalo com o seu primeiro filme, mudou-se para Nova Iorque, onde programou os cinemas de Bleecker Street e Carnegie Hall e realizou um díptico divertido: *New York Story* (1980) e *Hotel New York* (1984).

É impossível imaginar a obra de Ulrike Ottinger sem a actriz Delphine Seyrig, que, para além de santa padroeira do cinema modernista dos anos 1960 em diante, co-fundou com Carole Roussopoulos e Ioana Wieder a cooperativa de vídeo feminista Les Insoumuses e realizou alguns filmes militantes verdadeiramente únicos: *Maso et Miso vont en bateau* (1975), *SCUM Manifesto* (1976) e *Sois belle et tais-toi* (1981). Em *Johanna d'Arc of Mongolia* (1989), a sua quarta colaboração com Ottinger e última aparição no ecrã, contracena com Irm Hermann e Peter Kern, conhecido como actor de Fassbinder e sobretudo de Daniel Schmid, mas praticamente desconhecido enquanto cineasta por mérito próprio. O seu conjunto de trabalhos imensamente provocador, profundamente afectuoso e brutalmente intransigente, que compreende quase 30 títulos, é uma parte indispensável do cinema austríaco, especialmente no que toca a filmes sem orçamento e *queer*.

Em *Aloha* (2016), Ottinger prossegue o seu diálogo contínuo com Murnau (sobretudo com *Tabu: A Story of the South Seas* (1931)). *Prater* é um exemplo raro do seu uso de excertos do trabalho de outros realizadores, como Josef von Sternberg e Erich von Stroheim. Entre os seus contemporâneos, a sua relação mais evidente é com Chantal Akerman, William Klein e Trinh T. Minh-ha. O fascínio de Ottinger com a cidade de Odessa chegou a trazer para o seu campo de visão Georgy Deliev e Natalya Buzko, comediantes do colectivo ucraniano Maski Show que escolheu para participar em *Zwölf Stühle* (2004), falado em russo. Os dois actores também eram membros da trupe de Kira Muratova sediada em Odessa. Desta forma, o mapa da história do cinema de Ulrike Ottinger leva-nos de Murnau a Muratova.

.....

Para informação sobre a Retrospectiva Ulrike Ottinger *vide* p. 257

A PROPÓSITO

Passagens

Ulrike Ottinger. Livros de Imagens

[*vide* p. 333]

JOHANNA D'ARC.

DELPHINE SEYRIG

INÉS SASTRE

GILLIAN SCALICI

IRM HERMANN

OF
MONGOLIA

Ein Film von
ULRIKE OTTINGER

ENTWURF: ULRICHSEN, AUSSTATTUNG: F. QLEBRICH

Eine Gemeinschaftsproduktion von

ULRIKE OTTINGER-FILMPRODUKTION

POPULAR-FILM GMBH LEINFELDEN
POPULAR-FILM HANS H. KADEN LEINFELDEN
in Zusammenarbeit mit
dem ZDF
und LA SEPT

IM VERLEIH DER



Immerzu fliegen im Sitzen und Liegen

PRATER

ein Film von
ULRIKE OTTINGER

Gäste
ELFRIEDE JELINEK
ELFRIEDE GERSTL
VERUSCHKA

Buch und Regie: ULRIKE OTTINGER. Kamera: ULRIKE OTTINGER. Schnitt: BETTINA BLICKWIDE. Ton: KLAUS KELLERMANN. Formschneidung: BERNHARD MAISCH. Regieassistenz / Aufnahmeleitung: HANNE LÄSSL.
Produktionsleitung: GERHARD HANNAK. Herabhaltungslehre: KURT MAYER. Produzent: KURT MAYER. Koproduzentin: ULRIKE OTTINGER. Produktion: WDR, JUTTA KNIG. Redaktion: ORF, PETER WUSTINGER.
eine Koproduktion von KURT MAYER FILM WIEN mit ULRIKE OTTINGER FILMPRODUKTION BERLIN und dem WDR in Zusammenarbeit mit ORF FILM/FERNSEHABKOMMEN gefördert vom FILMFONDS WIEN
im Verleih der EDITION SALZGEBER - www.salzgeber.de



Film history according to Ulrike Ottinger

Boris Nelepo

While in Paris, Ulrike Ottinger attended lectures by Claude Lévi-Strauss, Louis Althusser and Pierre Bourdieu. Her documentaries oftentimes revisit Walter Benjamin's writings. Her obvious reference points in literature include Virginia Woolf and Oscar Wilde. She made two stage adaptations of Elfriede Jelinek, who also makes an appearance in *Prater* (2007). Ottinger travelled all over the globe, and her films span Mongolia, Ukraine, South Korea, Japan, Germany, Austria, Alaska and Kamchatka. How do we map her cinematic travels, then?

For geographical and chronological reasons, Ottinger's work is sometimes shoehorned into the New German Cinema bracket—particularly her *Bildnis einer Trinkerin* (1979), praised by Fassbinder and made with the help of some of his regulars, such as composer Peer Raben (with whom she worked twice) and actors Kurt Raab and Volker Spengler. Ottinger even asked Fassbinder to play a part in her *Freak Orlando* (1981), but that collaboration never panned out. Other filmmakers, however, became her mainstays, so now the list of her associates reads like the roadmap to a parallel history of 1970s-80s cinema: a more obscure, yet more inclusive one.

Upon her return from Paris to Konstanz, Ottinger launched a local film club that frequently screened Werner Schroeter's movies. This maverick and loner seems to be Ottinger's kindred spirit, both in artistic intuition and casting decisions (his favourite actress, Magdalena Montezuma, was one of Ottinger's habitués as well). Another Schroeter alumnus is Rosa von Praunheim, a pioneer of queer cinema and a delightful sailor in *Die Betörung der blauen Matrosen* (1975). There, he shares acting credits with Frank Ripplloh (a.k.a. Peggy von Schnottgenberg), who played Greek God-Fairy and then went on to direct the semi-autobiographical *Taxi zum Klo* (1981). This iconic gay film, where the director himself plays a school-teacher cruising the seediest regions of a pre-AIDS Berlin, is a peculiar companion piece to Ottinger's Berlin trilogy; it is not for nothing that Magdalena Montezuma and Tabea Blumenschein, another one of Ottinger's teammates, have cameos in it.

Yvonne Rainer, who made her transition to filmmaking from choreography and had already directed three idiosyncratic masterworks in a row—*Lives of Performers* (1972), *Film About a Woman Who...* (1974) and *Kristina Talking Pictures* (1976)—plays Josephine de Collage in Ottinger's feature-length debut *Madame X* (1977). It is her only acting part in a film not made by herself, and still a few years before her own 'Berlin' film, *Journeys from Berlin/1971* (1980), a meditative essay on the Red Army Faction and 19th century Russian anarchism, among other things.

In *Freak Orlando*, we see two seminal female filmmakers, German director Ula Stöckl and French cinema's best-kept secret, Jackie Raynal. Both made their feature-length debuts in a stormy 1968. *Neun Leben hat*

die Katze (1968), by Stöckl, is now considered the first feminist film from West Germany, while Raynal belonged to Zanzibar Group, formed around patron of the arts Sylvina Boissonnas and young director Philippe Garrel, and made the experimental milestone *Deux fois* (1968). Raynal used to edit Eric Rohmer's films, but after the scandal with her first film she moved to New York City where she programmed the Bleecker Street and Carnegie Hall movie theatres, and filmed a playful diptych: *New York Story* (1980) and *Hotel New York* (1984).

Ulrike Ottinger's oeuvre is unimaginable without actress Delphine Seyrig, who, in addition to being the patron saint of modernist cinema from the 1960s on, together with Carole Roussopoulos and Ioana Wieder co-founded the feminist video co-op Les Insoumuses and directed some truly unique activist films: *Maso et Miso vont en bateau* (1975), *SCUM Manifesto* (1976) and *Sois belle et tais-toi* (1981). In *Johanna d'Arc of Mongolia* (1989), her fourth collaboration with Ottinger and final screen appearance, she co-stars with Irm Hermann and Peter Kern, famous as Fassbinder's and, first and foremost, Daniel Schmid's actor, but virtually unknown as a filmmaker in his own right. His infinitely provocative, deeply affectionate, and ruthlessly uncompromising body of work that comprises almost 30 titles is an indispensable part of Austrian cinema, especially its non-budget and queer segments.

In *Aloha* (2016), Ottinger continues her ongoing conversation with Murnau (mainly with his *Tabu: A Story of the South Seas* (1931)). *Prater* is a rare example of her using clips from other directors' work, such as Josef von Sternberg and Erich von Stroheim. Among her contemporaries, she is most evidently in dialogue with Chantal Akerman, William Klein, and Trinh T. Minh-ha. Ottinger's fascination with the city of Odessa once pulled into her line of vision Georgy Deliev and Natalya Buzko, comedians from the Ukrainian Maski Show collective whom she cast in her Russian-language *Zwölf Stühle* (2004). These two actors were also members of Kira Muratova's Odessa-based troupe. Thus, Ulrike Ottinger's map of film history navigates us all the way from Murnau to Muratova.

.....

Further information about the Ulrike Ottinger Retrospective *vide* p. 257

BY THE WAY

Passages

Ulrike Ottinger. Books of Images

[*vide* p. 333]